ANO 1.º LISBOA—SABADO, 22 DE OUTUBRO DE 1921 N.º 170

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 10 CENTAVOS
Secretario da redacção: ALVARO DE ANDRADE
Director, proprietario e editor
JOAQUIM MANSO
Redacção, Administração e Oficinas
RUA DO MUNDO, 116, 1.
Telefone 487 (C.) — Endereço telegrafico Diboa

O sr. Fausto de Figueiredo, cuja vida era cubiçada pelos *homens* da «camionette», é a alma das grandes obras do parque Estoril, nas quais têm encontrado o seu ganhapão muitos operarios que o estimam.

A sua actividade e a sua fé no futuro da Patria não conhecem quebrantos.

Contra todos os obstaculos tem lutado, rompendo para a frente com a sua iniciativa. Podendo ser um egoista, como tantos outros, é um trabalhador incançavel que tem feito o bem, sem calculos interesseiros.

Das obras do Estoril depende a transformação de Lisboa.

O seu triunfo levará outros, confirmados com tão belo exemplo, lançar os seus capitais e o seu esforço em empresas semelhantes que transformarão o país, tornando-o um grande centro de *turismo*.

* * *

Alguns nossos presadissimos colegas, entre eles *A Epoca, A Manhã, O Correio da Manhã* publicam por vezes transcrições das nossas entrevistas e dos nossos artigos, o que nos cumpre agradecer.

A proposito e em referencia a outros nossos colegas da imprensa, parece-nos já tempo de pôr de parte a costumeira injustificada e ridicula de se publicarem artigos transcritos e não se indicar o nome do jornal que é honrado com a transcrição.

* * *

Um sapateiro modesto anuncia nas gazetas que «experimentem calçar do seu estabelecimento e verão o que é barateza e perfeição». Mas o mais interessante é que o estabelecimento se intitula «Ao ignorado» e que o seu proprietario leva a sua gentileza ao extremo de servir os fregueses em suas proprias casas.

Nos tempos de carestia que decorrem, é bom aproveitar as vantagens do «ignorado»—emquanto ele se não torna conhecido...

* * *

Nos telegrafos, o serviço já hoje se fez normalmente. Durante os acontecimentos, houve uma pequena anormalidade, provocada pela grande aglomeração de despachos. A rede telegrafica, não sofreu a mais a mais pequena avaria.

* * *

Consta-nos que o governo, na sua primeira reunião, elaborará um decreto, tendendo ao barateamento do preço do pão e á melhoria da sua qualidade. Desse diploma constarão, a respeito da Moagem, disposições de certo modo severas.

* * *

O sr. presidente do ministerio recebeu durante a tarde muitos telegramas dos organismos operarios, pedindo a libertação dos presos por questões sociais. Essas associações, caso não sejam atendidos os seus desejos, lançar-se-hão num movimento de protesto.

* * *

Não ha uma nota discordante no movimento de indignação contra as abominações de quarta para quinta-feira. Temos visto lagrimas nos olhos de muita gente.

* * *

A revista parisiense—*Mercure de France* ocupa-se largamente do ultimo livro de João de Barros—*O Sentido do Atlantico.*

* * *

O sr. Cunha Leal escreveu hoje ao sr. ministro das finanças uma carta pedindo a sua demissão de director geral da estatistica. Segundo nos informam, o sr. Cunha Leal vai pedir tambem ao sr. ministro da guerra a sua demissão de oficial do exercito.

Aquele deputado conferenciou esta tarde com o sr. presidente da Republica.

* * *

O 2.º tenente sr. Agatão Lança tambem pediu hoje a demissão de oficial da marinha.

* * *

Tendo constado com certa insistencia, que o revolucionário civil Armando de Azevedo, colaborara nas violencias que tão tristemente assinalaram o movimento insurreccional, dizem-nos que esse conhecido republicano se mantém completamente alheio a acontecimentos de tal ordem.

O TERROR DAS RESPONSABILIDADES

Já se viu em Portugal este espectaculo: os fenomenos economicos e financeiros, que constituem o assunto de sciencias dificilimas, serem apresentados ao povo como historias parecidas com a de *Ali-Baba* ou dos *Quarenta ladrões*. Porque se viciava assim a verdade, fazendo-se dela um agente amotinador das turbas?

E' que creaturas dominadas pela febre mercantil dos lucros prontos, embora ilicitos, nem pensavam que com as suas deploraveis lições envenenavam a alma credula do povo.

Se porventura a Republica fosse já uma conquista moral e espiritual, bem assente no pensamento e nas aspirações generosas de nós todos, tais espectaculos não se dariam. Não haveria atmosfera sequer para se delinearem quanto mais para se produzirem á luz do dia.

Sobretudo os homens não deveriam perder tão rapidamenta a noção do que poderemos chamar a medida da suá força porque quando tal coisa acontece, eles passam de extremo a extremo.

Se o perigo está longe e os negocios correm bem, a politica incita as incompetencias a sairem de qualquer reserva, trepando até aos pinaculos do poder. No caso contrario, recuam, encolhem-se, humilham-se, esmagados pelo terror das responsabilidades.

Sejamos francos, porque há necessidade de não perdermos tempo.

A Republica paga, neste momento duro e amargo, o esquecimento a que votou a formação do povo, fingindo ignorar que sem cidadãos a democracia é uma perigosa mentira em que medram todas as tiranias.

Não tenhamos ilusões: o homem vive pelo caracter e o caracter é a estrutura moral da consciencia. A personalidade é por sua vez o espirito em movimento e acção.

Ora tanto o caracter como a consciencia e a personalidade são muito frageis, inconstantes e incertas, nos portugueses deste ano de 1921. E porquê? Pela simples razão de que ninguem se lembrou de que a Republica só vive e se engrandece pelo idealismo e pelo sonho da gente humilde que não pelo estrondo material das armas ou pela satisfação indomada dos instintos e apetites animalescos.

Há onze anos que os republicanos se acusam uns aos outros de erros que no fundo revelam uma precaria compreensão do dever politico—compreensão derivada do facto de quasi todos eles se haverem submetido a interesses, em vez de se guiarem por ideias nobres, como era necessario e justo. Em situações faceis e comodas, não faltam pretendentes aos logares e cargos publicos. Apenas, porém, os ares se entroviscam, os audazes fazem-se prudentes, os ambiciosos desinteressados, os orgulhos humildes.

O regime de pronunciamentos, motins e revoltas tornou possiveis certas inversões dos principios da justiça que desconsideram o merito, para atribuirem valor desmedido a invejas cheias de atrevimento e ignorancia.

COMEDIANTES

Extraordinaria caricatura de Le Bargy, por André Rouveyre
(Da "*Comedia*")

Nas vésperas da insurreição, Machado Santos procurou António Granjo, a fim de interceder por um qualquer pretendente. O heroe de 5 de Outubro era suficientemente desinteressado para se preocupar com a guarda dos interesses de todo o mundo. O presidente do ministerio, que no momento estava a tratar da questão de Macau, gracejou:

—Ouve lá, ó fundador. Tu não tens relações de amizade com o teu colega que fundou a Republica de Cantão? Talvez pudesses impedir que ele incomodasse a gente com estas coisas do Extremo-Oriente...

E Machado Santos retorquiu, em gracejo tambem:—Com o fundador de Cantão não tenho, por acaso, relações de caracter pessoal. Mas o Lenine, que conheço muito bem, póde escrever-lhe uma cartinha...

Quem lhes diria que 48 horas decorridas, repousariam nas prateleiras da Morgue...

* * *

Contam-nos que a «*camionette*-fantasma» foi surpreendida, na estrada da Parede, por um automóvel em que seguiam um jornalista e dois oficiaes. Travou-se diálogo e os passageiros do auto procuraram averiguar as intenções daquele punhado de revolucionários, em que havia civis, marinheiros e soldados da G. N. R. Eles disseram muito francamente ao que iam. E um, enfaticamente, explicou:

—Eu li a história da Revolução Franceza. Lá, a certa altura, cortaram algumas cabeças e isso deu um magnifico resultado. Pois aqui é preciso fazer o mesmo...

* * *

Consta que o governo dará por findo o estado de sitio, antes do prazo marcado no decreto,—visto que já tudo regressou á normalidade—e ainda pelos prejuizos que uma tal situação acarreta a muita gente, que se vê assim obrigada a não dar um passo para ganhar o pão de cada dia. Exemplo: artistas e homens que vivem do teatro.

* * *

A atitude do sr. Cunha Leal, durante os acontecimentos, constitue um episódio de beleza destes dias sangrentos. Bravo, como aqueles que o são, leal ao ultimo extremo, esse homem, que nós já conheciamos como um grande parlamentar, conta agora em cada portuguez de lei, um sincero admirador do seu grande coração.

* * *

O que se maquinou contra o sr. Alfredo da Silva é simplesmente infame. Apesar das violencias e durezas do seu temperamento é, entre nós, o tipo do grande industrial. O impulso tecnico que deu á nossa precaria produção fabril devia merecer-lhe a estima até dos que, em luta com a sociedade capitalista, têm todo o interesse em apressar a maturação do predominio burguês. Perseguir homens como feras, só no sertão e quando aqueles imitam estas.

* * *

Henrique Lopes de Mendonça publicou um volume de narrativas patrioticas—*Lanças d'Africa*—que nos parece ser um excelente manual escolar.

* * *

Os jornais espanhois chegados ontem começam a ocupar-se do movimento de Lisboa. *El Sol*, por exemplo, diz que tudo se reduziu a uma mudança de governo, dentro do regime, dando-se a substituição dos homens do partido liberal pelos do partido democratico.

Os de hoje, que ainda não recebemos, devem já trazer maior informação.

Que pensarão eles das selvajarias do Arsenal e do Intendente?

* * *

Nestes dias de confusão sanguinolenta vividos pela cidade, houve um homem que, mercê da sua extraordinária firmeza de animo, da sua serenidade, evitou que á história da Republica se juntassem mais algumas páginas trágicas. Esse homem, foi o venerando Chefe do Estado que, merecendo de há muito a consideração do paiz, daqui em deante será fitado com o mais religioso respeito.

Notas Mundanas

Em Carcavelos

Na quinta Nova, em Carcavelos, onde está instalado o Cabo Submarino, realizou-se ontem uma *soirée*, promovida por um grupo de inglêses, a que assistiram, além de familias daquela colonia, muitas pessoas da nossa sociedade.

Durante a noite o sexteto «Garrett» executou diferentes danças e foi servida uma explendida ceia pela «Garrett».

Aniversarios

Fazem amanhã anos as sr.as:

D. Maria Ferreira Pinto de Castelo Branco (Pombeiro), D. Maria Ana de Sousa Coutinho de Serpa, D. Antonia de Menezes Cardoso e Silva de Vasconcelos Porto, D. Maria de Araujo Plantier, D. Virginia Maria Travassos Valdez de Moura Borges, D. Tereza de Lancastre Gil de Macedo e Menezes, D. Alice de Gambôa Rivara e D. Maria Luisa Guedes.

E os srs.:

José Guilherme Perry Vidal Pereira d'Alen. João Romero e Antonio Ferrão de Menezes e Vasconcelos.

Em viagem

Com sua esposa, regressou segunda-feira de Cascais o sr. dr. Francisco da Silveira Viana.

— Regressam depois de ámanhã de Cascais os srs. condes de Castelo Mendo e filhas.

— Está actualmente em Paris o rs. conde de Ranha Longa.

TEATRO S. CARLOS Telef. C 5063

BREVEMENTE

Estreia da companhia dramatica

REY COLAÇO - ROBLES MONTEIRO

com a peça de grande espectaculo

JERUSALEM!

arranjada para a scena portuguesa por ALFREDO CORTEZ

Scenarios novos e deslumbrantes "Mise-en-scène" de ANTONIO PINHEIRO

Esta peça alcançou um grande sucesso em França.

A bilheteira abre ás 12 horas para a venda de bilhetes desde já. Não ha assinaturas.

TEATRO NACIONAL

Telef. C. 2049

BREVEMENTE

Inauguração da epoca e 1.ª recita de assinatura.

O drama em 5 actos, em verso, original de **D. João da Camara**

D. AFONSO VI

em cujo desempenho tomam parte muitos dos principais artistas da companhia

Encenação de JOSÉ RICARDO. Scenarios novos de Campos & Oliveira (1.º e 4.º actos) e L. Calderon (2.º, 3.º e 5.º). Guarda-roupa da E. M. T., confecionado sob a direcção de Barbosa Junior.

BILHETES Á VENDA

TEATRO CHIADO TERRASSE

COMPANHIA LUZ VELOSO

SEGUNDA FEIRA, 24

INAUGURAÇÃO DA EPOCA

1.ª representação da celebre peça italiana em 3 actos de Sabatino Lopes, tradução de Mario Duarte

Mario e Maria

Os principais papeis por *Luz Veloso, Teodoro Santos* e *Rafael Gomes.*

Bilhetes á venda.

Professor de Matematica e Fisica

Cursos superiores. Liceu, todas as classes

Informações na direcção dêste jornal

Preços de assinatura do "Diario de Lisboa"

3 meses	9$00
6 »	18$00
12 »	36$00

Para as colonias e estrangeiro acresce o porte do correio

Pedidos á administ ação: Rua Luz Soriano, 48

CRONICA FINANCEIRA

A Revolução e a Finança

O primeiro decreto revolucionario no que se refere a materia financeira: artigos 8.º e 17.º — As primeiras palavras do novo titular da pasta das finanças

Para o estudo da semana financeira, a revolução de 19 de outubro traz esta primeira conclusão: mais uma mudança governamental, mais um novo ministro das Finanças, continuação da instabilidade ministerial.

O cambio, que no grafico da nossa cronica anterior fechara a 38$40 comprador, fechou ontem a 40$95. Compreende-se este agravamento após a repercussão no exterior de um movimento revolucionario e, sobretudo, quando essa repercussão é feita através as agencias telegraficas espanholas, que parece terem assestado contra nós poderosas lentes fumadas, como quem anda pelos telhados á espreita de um eclipse solar.

Que o cambio firmasse ou firme ainda depois de dois dias de encerramento da vida bancaria portuguesa é natural e não tem a minima importancia. Causas ocasionais, as suas consequencias não podem deixar de ser a vida efemera das origens.

O que nos preocupa é a orientação que o novo governo irá dar á finança nacional. Há, por emquanto, poucos elementos para se formar uma idéa concreta do programa ministerial. Mas há já algumas indicações. A primeira contém-se no primeiro proclama revolucionario, dado a lume como primeiro decreto.

O artigo 8.º afirma:

«Será feita pelo governo a reforma dos serviços publicos dependentes de todos os ministerios, simplificando no maximo as formulas burocraticas e reduzindo ao minimo indispensavel a despesa e o quadro dos funcionarios efectivos, criando-se o quadro dos supranumerarios e adidos, assegurando, a quem de direito, os meios condignos de subsistencia, emquanto se mantiverem nessa situação».

O artigo 17.º anuncia a orientação do movimento revolucionario, em materia tributaria:

«O governo efectuará uma remodelação tributaria, criando um imposto especial que incidirá sobre os lucros derivados da guerra, especulação comercial, industrial, economica ou financeira».

Do diploma-programa revolucionario extraem-se, pois, duas conclusões:

a) Proposito de uma revisão dos quadros dos serviços publicos, comprimindo a despesa com o funcionalismo, sem relegar ninguem á fome;

b) Remodelação tributaria, creação do imposto especial sobre os lucros da guerra, etc., etc.

Vejamos, agora, se os propositos, para não lhe chamarmos programa, do novo ministro das Finanças, são coerentes e concordantes com as conclusões acima.

O homem que a revolução pôz á frente da gerencia das Finanças publicas é, como se sabe, o sr. Francisco Antonio Correia, um professor do Instituto Superior de Comercio, dado como um estudioso, e muito saudado quando sobraçou a pasta do Exterior no gabinete Antonio Maria da Silva, como capacidade que havia de reformar eficazmente as pautas, harmonizando esse trabalho de hercules com assinaturas de tratados de comercio.

A vida meteorica do governo de que fez parte para pouco mais lhe deu tempo do que receber os cumprimentos de boas-vindas e de boas-idas do pessoal do respectivo ministerio.

E', pois, uma esperança ainda não desmentida.

Registemos o que s. ex.ª disse ao redactor do «Seculo» que o interrogou quando ele acabava de subir a escada do Ministerio do Interior, e mesmo antes de tomar posse e de, por conseguinte, ter subido a escadaria do Ministerio das Finanças.

Preguntado sobre a reducção do funcionalismo, s. ex.ª responde:

—Entendo que é necessaria uma reorganização de todos os serviços e dos quadros, fixar-se o numero de adidos e obrigar o Estado a não aumentar mais o funcionalismo, impedindo mais nomeações, a não ser para os quadros tecnicos.

E, sem outra pregunta nossa, o sr. ministro continuou:

—Sou contrario ás reformas profundas no nosso sistema tributario, desde já. Por emquanto, devemos contentar-nos com a actualização dos impostos, tendo em consideração a valorização da propriedade. Julgo absolutamente imprescindivel um emprestimo interno, imediato, para atacar a questão cambial e devemos continuar as negociações para um emprestimo externo. E eis tudo quanto, neste momento, lhe posso dizer. E parece-me ter-lhe dito o suficiente.

E' efectivamente o bastante para se saber para onde vae o sr. professor Correia, no governo da finança publica.

No que se refere á compressão de despezas, o criterio do ministro é, felizmente, concordante com o programa revolucionário.

E' já um grande passo, se se chegar a dar.

Na segunda parte, é que o professor F. Correia parece não estar irmanado com o ponto de vista do programa do movimento que o sentou na cadeira de regente das finanças publicas.

O programa revolucionário preconiza remodelação do sistema tributário; o professor Correia é de opinião que não deve tocar-se nesse delicado organismo.

Em nossa modesta opinião, o ilustre titular que sobraça a pasta das finanças pensa avisadamente.

Nem a remodelação tributária daria os seus necessários frutos com a urgencia que a nossa angustiosa situação precisa, nem é aconselhavel uma remodelação por emquanto.

A França meteu-se nessa camisa de onze varas, em plena guerra, e arrependeu-se, porque viu baixar o nivel das somas arrecadadas.

O caminho preconizavel é justamente aquele: compressão de despezas, emprés timo interno, operações externas.

O ilustre professor está na verdade.

Simplesmente, ou faz tudo já ou não o fará.

O sr. ministro da Guerra declara no *Diário de Noticias* que: «*o movimento não foi contra o governo mas para crear uma situação fóra dos partidos, capaz de realizar uma obra que eles não tinham podido realizar...*»

Dentro dessa obra está a reclamar a prioridade de execução o remedio para a nossa situação financeira.

Que s. ex.ª o sr. ministro das Finanças aproveite o tempo e não se deixe surpreender pelo desengano de reconhecer que passou a monsão que é esta emquanto o governo se não gastar nos naturaes atritos do poder.

Seja-nos permitido lembrar ainda ao ilustre titular das Finanças que com a actualização do imposto, em relação á actual valorização da propriedade, tem de ser simultaneamente encarada a situação dessa propriedade perante a lei do inquilinato, colocando-a em condições de poder corresponder á referida actualização.

E, posto isto, resta-nos exprimir os nossos votos sinceros de portuguezes para que o ilustre titular tenha a glória de realizar a obra financeira que o paiz anciosamente reclama, em nome da salvação nacional.

MAGAZINE

Definição catedrática

A Universidade de Coimbra tem dado á civilização elementos cuja autoridade e sciencia permanecerão através os seculos. Os lentes, esses, escolhidos cuidadosamente entre os que mais *ursos* foram durante o curso, compreende-se bem que sejam maravilha de sciencia. Entre os que se celebrizaram pela alta competencia demonstrada, ficou e ficará nas memorias da Universidade aquele dr. Leão, que foi eleito pedindo a cada um dos lentes, por sua vez, que ao menos lhe dessem uma pedra branca — do que resultou ser eleito por unanimidade — o dr. Calixto, celebre amador do exercito, e o dr. Assis Teixeira, etc.

A'cerca de todos eles se contam várias palavras que atestam, mais do que fôra possivel explicar-se, a sua alta intelectualidade. Tomemos ao acaso o dr. Assis Teixeira. Um dia queria ele explicar ao curso o que porventura fosse a Grã-Bretanha:

— Sabem os senhores o que é a Grã-Bretanha?

— ?

— A Grã-Bretanha é um grupo de ilhas formando um vasto continente.

Os bólides

Falámos há dias numa explosão misteriosa que se havia dado simultaneamente com a passagem de uma estrela cadente e que havia alarmado a população de várias vilas francesas.

Era facil de presumir que essa explosão provinha da estrela cadente, um bolido.

Não foi, porém, só esse que caiu nessa noite. Tambem, no mar, defronte de Brigton, caiu um aerolito, que explodiu ao chegar á agua e que fez lembrar aos habitantes as bombas que durante a guerra eram lançadas pelos Zeppelins.

De onde proviriam aqueles bolidos?

A sciencia ainda não disse nada.

Documentos curiosos

O diario dos Goncourt continua na ordem do dia das discussões e da curiosidade, não só dos literatos, mas de todos a quem chegou a noticia de tais memorias, prometedoras de saboroso escandalo.

Por emquanto, só há curiosos sem temor, porque ninguem presume o que lhe baterá pela porta nessas criticas que não são duma suavidade convidativa...

Vem, porém, a lume falar de outras memorias, que repousam igualmente nos arquivos, totalmente desconhecidas do publico e que devem conter elementos que não são tão curiosos como aquelas, unicamente porque das pessoas de que se ocupam já nenhuma está viva.

Encontram-se, por exemplo, na Biblioteca Nacional, escritos ineditos de Lamartine e a correspondencia não publicada entre Alfred de Musset e George Sand, que já se podiam publicar em 1916.

Há um livro misterioso, não encontrado, do qual dizia madame Girardin que talvez nunca chegasse a ser lido por ninguem.

Há ainda o diario intimo da chamada duqueza de Abrantes, onde se trata das suas relações com Metternich; de Carolina Murat e de Junot, e ainda de outros factos não menos dignos de curiosidade.

E há ainda os apontamentos de Louis Blanc sobre o cêrco de Paris.

Todos estes documentos são de molde a atrair as atenções, mas é de crer que emquanto os dos Goncourt não forem publicos, não haverá tempo para pensar nos outros.

"DIARIO DE LISBOA"

Vende-se na linha de Cascais, nas estações de Parede e Estoril.

UMA NOTAVEL INVESTIGAÇÃO ARTISTICA

A PINTURA A FRESCO EM PORTUGAL

NOS SECULOS XV E XVI

Da memaria apresentada ao 1.º Congresso de Historia de Arte de Paris pelo nosso querido amigo e brilhante colaborador Vergilio Correia, intitulada «A pintura a fresco em Portugal» e agora editada em livro, recortamos o esplendido trecho que segue:

Os três mais completos exemplares de pinturas a fresco que conheço e estudei em Portugal são os que adornam, em parte ou na totalidade, os muros da egreja de S. Francisco, do Porto; da matriz de Barcos, no concelho de Taboaço; e da egreja de Nossa Senhora da Azinheira, junto de Outeiro Sêco, perto de Chaves.

S. Francisco do Porto, a *Egreja de Ouro*, o soberbo templo gótico cuja fria silharia granitica o seculo XVIII vestiu com um paramento rico de talha sumptuosa, e cujas belezas o sr. dr. Aarão de Lacerda recentemente pôz em justificado relêvo (1), conserva da sua primitiva decoração mural, uma joia de inestimavel valia, que só há poucos anos começou a ser olhada com o respeito que merece. E' uma pintura de fresco que os reformadores setecentistas do templo deixaram sobre o primeiro altar da nave norte, emoldurada em talha como num relicário.

Sentada numa «sedia» larga, cujos lados vazados de aberturas, são embelezados, na frente, por delicados colunelos torsos, Nossa Senhora, aureolada e de manto, segura com a mão esquerda sobre o joelho desse lado, o menino Jesus, quási nu, a parte inferior do corpo mal coberta por um cendal salpicado de flores, emquanto com a dextra apresenta uma rosa. A' direita da Virgem, com as cabeças um pouco mais altas que os joelhos desta, vêem-se os bustos de um homem e de uma mulher(que se percebe estarem ajoelhados. Tomando-lhe, delicadamente, sobre uma toalha, como em comunhão, a mulher beija devotamente um dos pés do menino, que estende as mãosinhas abertas na sua direcção. O homem, de barrete florentino ou pisano pouzado sobre a cabeleira, o tronco cingido numa especie de loba de mangas largas, ergue as mãos postas, em adoração, para a Senhora.

Do mesmo lado onde ajoelham as duas figuras, indubitavelmente os bemfeitores que mandaram executar a pintura, dois santos, S. João Evangelista e S. João Baptista, de pé, lado a lado, as aureolas que os nimbam, tocando-se, fazem menção de apresentar os doadores. Da outra banda da «sedia» um santo bispo inclina-se atento para o livro que tem aberto á altura do peito. A moldura recortada e entalhada do quadro do altar impede de vêr uma aureola postada ao lado da precedente, vazia do rôsto que santificava. A sua existencia revela que duas figuras, em posição identica á do Evangelista e do Precursor, equilibravam, desse lado, a composição que enquadra a figura da *Senhora da Rosa*.

Sobre a «sedia» e o resto da composição encurva-se um docel quadriculado que os reformadores do seculo XVIII sobrecarregaram com um frontão salpicado de cabeças de querubim. O fundo, para baixo do docel, é dourado, imitando um tecido de laçaria, hispano-mourisco, que contrasta com a ornamentação alcachofrada do pano que se encontra servindo de fundo á cadeira da Virgem. As aureolas são fortemente relevadas, riscadas de quatro circulos concentricos que formam três zonas, as duas externas pontuadas, e a interior cortada de traços inclinados, paralelos. A da virgem mede 0,36 de diametro; as dos santos da direita 0,32; a do bispo, 0,29; e a companheira desta 0,32. As orlas do manto da Senhora e das vestimentas de várias outras figuras mostram uma ornamentação em relêvo, como de empedrado. O cendal do menino, picado de rosetas de cinco folhas dispostas em volta de um botão, acusa um processo de fabrico semelhante ao do mosaico meudo.

A autoria deste fresco foi atribuida a mestre António Florentim, pintor régio que trabalhou entre nós no primeiro terço do seculo XV. Outros apontaram o meado, outros ainda a segunda metade desse seculo. Trata-se, indubitavelmente, de uma obra quatrocentista. A disposição do quadro, o assunto, os acessórios—as aureolas, o barrete do doador—justificam absolutamente essa atribuição de data.

Foi o sr. dr. José de Figueiredo a primeira pessoa a divulgar pela imprensa, em 1910, o valor excepcional desta pintura, que atribuiu a um artista florentino. E á volta da ideia que lançou, em 1919, de se restaurar ou resguardar convenientemente o fresco, um grupo escolhido de amadores acorreu a oferecer o seu auxilio moral e material, infelizmente insuficiente para se conseguir qualquer coisa de prático.

Ao artista que me acompanhara para desenhar as decorações murais de Barcos e Outeiro Sêco, resolvi pedir o favor de o copiar. Coincidiu o trabalho do aguarelista com a realização do Congresso Scientifico Luzo-Espanhol. E como quere que um dos mais altos vultos de erudito que a Espanha nos enviou a tomar parte nesse Congresso fôsse o meu ilustre amigo dr. Elias Tormo, professor de História de Arte na Universidade de Madrid, aproveitei a ocasião para lhe mostrar o fresco do *Templo de Ouro* e ouvir a sua opinião de mestre.

Perante ele o notável professor imediatamente declarou que se tratava de uma «Sagrada Conversação», obra de artista italiano ou educado em Itália, do seculo XV. Confirmava-se assim, mais uma vez, a atribuição do eminente critico francez, Emilio Bertraux, que o viu, e a do sr. dr. José de Figueiredo.

O fresco encontra-se em muito mau estado, havendo sido retocado e repintado em diversos pontos, em especial nos trajos dos personagens. O que resta de primitivo basta, porém, para documentar a passagem pelo Porto, de um italiano ou de um artista portuguez instruido em Itália.

Quem foi esse artista?

Os documentos da primeira metade do seculo XV, falam-nos de mestre António Florentim, como nos falam de um portuguez, Alvaro di Pietro, que no fim da primeira metade desse seculo trabalhava em Volterra e Pisa (1). São indicações para atender, tanto mais que, se para alguns criticos de arte o fresco apresenta carácter acentuadamente florentino, a mim se me afigura egualmente aparentado com certas boas obras pisanas dessa mesma época.

VIRGILIO CORREIA

(1) *O Templo de Ouro*, no jornal *A Patria* de 25 de Maio de 1921.

(1) Giorgio Vasari—*Le Vite*, etc. «Vita di Taddeo Bartoli», in fine:
«Fu nè medesimi tempi e quasi della medesima maniera, ma fece piu chiaro il colorito e el figure più basse, Alvaro di Pietro di Portogallo, che in Volterra fece più tavole, ed in San Antonio di Pisa n'e una ed in altri luoghi altre, che per non essere di molta eccelenza nou ocorre farne altra memoria».

CARVÃO CARDIFF das minas do almirantado "Insole's Cymmer(Merthyr Smokeless)"
CIMENTO ALSEN
EM BARRICAS DE 180 QUILOS
SEMPRE EM ARMAZEM
Portuguese Corporation of Commerce Ltd. Lisboa — Cais do Sodré, 64, 2.º Telefs. C. 5092, 5093, 5094 Londres—56, Ludgate Hill
CAFÉ MALTE VATEL
DE CEVADA GERMINADA
Muito recomendado ás pessoas nervosas por não ter cafeina
Não confundir com o café de cevada vulgar

N.º 30 Folhetim do DIARIO DE LISBOA 22-10-921

INTIBAH
OU
As Aventuras D'Ali Bey
POR
KEMAL BEY

Este personagem originario da Siria e de baixa origem era duma perversidade profunda. A sua fortuna, adquirida com a ruina de alguns negociantes indignamente explorado por ele, colocára-o em condições de fazer com o Egito negocios no exito dos quais dera provas duma habilidade e duma actividade notaveis. Bem que com mais de setenta anos de idade, ela apreciava mais que tudo o convivio das mulheres. A sua figura lavrada pelas bexigas era dum moreno carregado; os seus olhos doentes apresentavam ainda vestigios da oftalmia egipcia de que sofrera varias vezes; e seu nariz naturalmente grosso tinha rasgões, indicios certos de antigos sucessos que lhe davam aparencia dum figo da India, apodrecido; os poucos dentes que lhe restavam, mostravam-se negros e estragados; a boca era duma fealdade repugnante e duma grandeza desmedida; o seu bigode e a sua barba eram tão raros como os pelos dum animal sarnoso.

Pelo seu fisico repugnante não conseguia, mesmo á custa de grandes sacrificios de dinheiro, ser bem recebido pelas mulheres. O seu unico papel consistia em prodigalizar o seu oiro á cortezã que cubiçava, deixando-a seguir livremente todos os seus caprichos e limitando-se a obter de tempos a tempos algumas horas da sua intimidade.

Desde que conhecia Mehpeyker, que amava perdidamente, uns três anos, só pudera vir duas vezes a Constantinopla, visitando a sua preferida umas quatro ou cinco vezes. Isto não o impedia de a manter num luxo e numa opulencia capaz de fazer inveja a todas as senhoras ambiciosas.

Chegara precisamente na semana que Ali Bey tinha passado em companhia de Mehpeyker, convidando-a várias vezes a vir ter com ele.

Receando que o mancebo viesse a ter noticia da sua ligação, rompera completamente com Abdullah Effendi e respondera aos seus convites com evasivas. Mas, por outro lado, conhecendo a sua malvadez, disposto ás terriveis vinganças, quando desesperado, mas querendo poupar Ali Bey a qualquer enxovalho ou agressão da banda do repelente velho, entendeu ser necessario separarem-se amigavelmente. Para chegar ao seu fim e enternecer um tanto o coração de bronze do miseravel, não imaginou outro estratagema senão recorrer aos seus encantos. Resolveu, portanto, ter uma entrevista com ele. Foi por isso que pediu a Ali Bey que não aparecesse em sua casa durante três dias.

Como não queria encontrar-se de noite com Abdullah Effendi, tomou, na manhã seguinte, o primeiro barco para a cidade e dirigiu-se imediatamente a casa dele. Infelizmente, estava ausente e como ela não tinha coragem de voltar no dia seguinte, com medo de dar com Ali Bey na rua, teve, muito contra a sua vontade, de esperar até tarde, tendo de passar lá a noite por não haver barco depois do sol posto.

Por sua vez, Ali Bey, após a grande scena com a mãe, andara passeando ao acaso, durante duas horas, a fim de acalmar a sua colera inconveniente, acabando por se refugiar em casa da sua amante para recuperar a alegria.

Ficou muito contrariado por não a encontrar no seu «yali». Por uma ligeira censura da sua mãe, esquecera todas as suas bondades, a sua enorme afeição, ao passo que, em presença da ausencia inexplicavel de Mehpeyker, se mostrou mais paciente. Esforçou-se por desculpá-la, justificando-a quasi. Lembrou-se que, até então, a encontrara sempre em casa, pronta a enlaçá-lo com os seus abraços amorosos, o que o fez concluir não ser justo romper com ela. Uma mulher não pode estar continuamente encerrada no seu domicilio, tendo necessidade de sair para fazer as suas compras, pelo menos.

No entanto, esta ausencia inesperada, junta á promessa que ela o obrigara a fazer por ocasião da sua ultima separação, não era de molde a deixá-lo sossegado.

(*Continua*).

A CIDADE

CHÁ DAS CINCO

Da influencia do monoculo

O monoculo pode ser encarado debaixo de dois pontos de vista, um deles é o do oculista é esse e menos; importante, ha tambem o ponto de vista do psicologo.

Ha quem julgue que o monoculo serve para ajudar a ver os ceguetas; ha quem imagine que o monoculo é uma pose. Não é nada disso. A miopia e o pedantismo são apenas acessorios, detalhes infimos. O monoculo é um simbolo e simboliza uma côr politica, a dos integralistas apesar das cronicas não dizerem que D. João, principe perfeito, usava monoculo. Tenho ideia de que ele havia de ter trazido um consigo para se fazer superior ao seu primo, duque de Viseu.

Mas o monoculo é mais que simbolo politico. O monoculo é como bandeira silenciosa e eloquente que nos revela qual o caracter de um homem.

Em geral o homem que usa o monoculo é inteligente e os parvos teem a especialidade de o usar preso ao pescoço por uma larga fita preta.

Conheci um rapaz que usava monoculo sem fita, agora usa fita e monoculo e está idiota. E que ha quem tenha a inteligencia periodica.

O monoculo é um sinal do que vulgarmente se chama muita proa. Eu chamar-lhe-ia snobismo se não fosse haver tantos snobs por esse mundo de Cristo que até os ha sem monoculo e sem anel de brazão.

Ha tambem velhos conquistadores que usam monoculo para ver se assim conseguem impressionar o sexo fragil mas isso é uma taboa de salvação presa ao pescoço por uma larga fita preta.

Mas mais de que tudo o monoculo ensina que quem o trás nunca é simpatico «au premier abord» e que mesmo depois de bem conhecido é simpatico para aqueles com quem quer se-lo. Um homem popular nunca, por mais que queira, consegue usar monoculo.

Sei de um rapaz popular e miope a quem os oculos repugnam, que não irás a alma em estado de usar lunetas, e que por conselho de algum especialista de olhos mais entendido em medicina que em psicologia foi a rua do Ouro e comprou um monoculo. Este encantador rapaz, popular entre todos, subiu as escadinhas e ao pôr o pé na rua nova do Carmo, viu uma senhora que conhecia tirou o chapeu para a cumprimentar e o monoculo caiu no passeio e fez-se em mil bocados.

Esta historia é verdadeira e simbolica. E' quasi uma parabola.

Numa mulher o monoculo demonstra que ela é inglesa ou americana.

MARIA SOFIA SANTO THIRSO

POLICIA MARITIMA

Reassumiu o seu lugar de sub-chefe da policia maritima, de que ha tempos se achava afastado por questões politicas, o agente da policia de investigação Leopoldo Alves.

RUA DO AMPARO

A SAPATARIA MAIS ECONOMICA DE LISBOA

TELEF. C. 3541

AS VICTIMAS DA REVOLUÇÃO

REALIZOU-SE HOJE O FUNERAL DO SR. JOSÉ CARLOS DA MAIA

MORREU POBRE, AMOU SEMPRE OS MARINHEIROS E DEIXOU UM FILHITO DE POUCOS MESES

Na camara ardente — Um pedaço de historia da Republica — Palavras da viuva

A' hora em que tu, leitor, lêres esta reportagem, terá já passado o portão dos Prazeres, numa carreta de mão e acompanhado por um padre, o cadáver daquele grande marinheiro, daquele grande republicano que se chamou Carlos da Maia. Morreu pobre, com as mãos limpas de sangue; deixou as joiasitas empenhadas no Monte-Pio; um filho de poucos mezes, que em casa chorava, com aquela misteriosa intuição das creanças, agarrado ao seu retrato; e uma mulher, noiva de um ano.

Tem parentes, parentes que ainda o choravam e relembravam, quando nós chegámos a sua casa, uma casa modesta da rua Açores, acolá á Estefania. Alguem conta, como o prenderam:

—Eram 11 horas, quando alguns marinheiros, vindos numa *camionette*, bateram á porta. «Carlos da Maia, está?» E Carlos da Maia apresentou-se. «Queremos prendê-lo, disseram; vista-se». E sem olhar o seu passado, e sem vêr aquela alma rude de marinheiro, honesta, leal, toda coração, começaram-no acusando de actos que não tinha praticado:

—Fôste tu, que nos deportaste para Moçambique, a trinta réis por dia, hein!

E Carlos da Maia justificando-se, explica como o primeiro ministro da Marinha de Sidónio Paes, o sr. Aresta Branco, os tinha enviado para Moçambique. Depois, sim, tinha sido ele que com Machado Santos, organizara um contingente de marinha e o enviara para Africa, para combater contra os alemães. Salvara-os dum castigo, das casas-matas do Bugio. Aqueles que estavam em Moçambique deportados encorporaram-se numa coluna, com todas as regalias, com todos os direitos. Esta, sim, era a obra dele. A marinhagem vacila, hesita; ouve-se um chôro lancinante de mulher; depois, uns gritos de creança. Pede-se a vida de Carlos da Maia.

—Não! Levanta-te! Carlos da Maia ergue a mulher, pede para envergar a sua farda de marinheiro, o que não lhe é consentido. Vae para o Arsenal, com o seu casaco de trazer por casa, as botas desatacadas, um chapeu qualquer... O resto, sabem-no vocês.

Quem nos conta tudo isto, em lágrimas, junto ao busto da Republica, envolvido num pano de sêda e fitando um retrato daquele outro grande marinheiro, que se chamou Candido dos Reis, é um cunhado do morto. Relembra a abordagem heróica ao antigo cruzador *D. Carlos*.

—Ele ia doido, épico, naquele naviosito da alfandega. Era o navio-chefe, a Republica estava indecisa... Disparam-lhe alguns tiros, ele vence, prende, e no mastro mais alto já flutua uma bandeira—a verde e encarnada. Grande alma, sabe. Quando chegou a casa disse para a mãe: «abraça-me que eu não matei ninguem!»

E depois, e depois, relembra-se ainda o periodo do sidonismo, em que ele defendia os marinheiros, discutindo com Sidónio. Agora é Monsanto, a sua ida á Escola de Guerra; os seus gritos de «Republica», nas faldas da serra. Ministro das colónias, mais tarde, com José Relvas; depois afasta-se, esquece-se da politica e lembra-se da familia.

E tudo isto é contado com lágrimas, numa evocação dolorosa, em que paira sempre a palavra «Republica», numa emoção sagrada.

—Republicano como poucos, leal como poucos, amigo da mulher, como poucos. O Candido dos Reis dizia: «este sim, posso contar com ele».

Entrámos na camara ardente. Ao meio, o caixão, com uma cruz a ouro; um crucifixo, duas velas de luz triste; um canteiro de crisantemos, rosas, folhagens. Gente de familia que chora; meia luz que entenebrece o quadro.

—Acolá está a mártir!

A'quela mulher pequina, de cabelos negros desfeitos, rôsto enlivedecido de lágrimas, onde uns olhos cansados resplandecem, beijamos a mão.

—Quem é?

—Há, sim, diga lá, que eu juro sobre o caixão de meu marido, que ele amou sempre os marinheiros, que lhes quiz muito...

E pousa a mão convulsa, de dedos desgrenhados, sobre a tampa florida do caixão. A sua voz, flebil, ardente, escorrida de lágrimas, que vibra na sala, erguendo soluços, diz ainda:

—Amava-os muito, muito! Queria-lhes como filhos a quem se perdôam todas as maldades... Era honesto, sempre o foi... Diga, não se esqueça, sim... Sou eu, a sua mulher, que o juro, sôbre o seu cadáver...

Caem lágrimas, e um grito cortante, que nos anavalha o coração e nos deixa extáticos, sae daquela garganta esfacelada.

O rôsto da viuva, magro, devastado, de grandes manchas violáceas de sangue pizado junto aos olhos; tem uma tinta negra, doente, mortal. Beijamos-lhe outra vez a mão.

Na camara ardente, pálidamente iluminada, há um arôma enervante de flores pizadas. Sufoca-se ali. Chora-se muito; há ramos que se depõem por todos os cantos; entra gente, que abraça comovidamente os parentes do morto. As velas têm uma chama mais alta; o Cristo, uma expressão que não lhe deu o cinzel banal do santeiro e sente-se enervante, embriagante, o arôma das flores pizadas...

—O sr. presidente da Republica e a esposa vêm agora. Tambem cá estiveram um oficial que em nome do governador civil apresentou as suas condolencias; o sr. Vitoriano José Cesar, ex-comandante da guarda republicana; dr. Peres Rodrigues... Ahi tem os cartões...

São muitos. Entra mais gente. O sr. A. Cerca sobraça um ramo de flores e conta o que ouviu de sua casa, naquela noite trágica.

As senhoras retiram-se da sala: vae-se arranjar o caixão. A viuva, alucinada, corpinho fraco, já vestido de negro, talvez para sempre, agarra-se aos moveis, chorando, dizendo:

—Não te verei mais! Não te verei mais! Adeus meu Carlos! Olha a tua mulher!

Entram os homens do funeral; ouvem-se pancadas sêcas, batendo o chumbo do caixão. E sempre, sempre aquele arôma sufocante, ardente, de flôres pizadas por toda a sala...

Ao fundo do corredor, o filhito de Carlos da Maia aos gritos, revê o retrato do pae, vestido de oficial, de grandes barbas, olhar franco.

A esta hora, leitor, já o cadáver do grande marinheiro e do grande republicano que se chamou José Carlos da Maia, terá sido depôsto no jazigo da viscondessa de Semelhe, no cemiterio dos Prazeres.

O entêrro foi simples, sem pompa, como ele tinha determinado, é feito a expênsas da familia. Porque ele era pobre, já se disse, e porque a familia não quiz aceitar as homenagens do governo.

DR. ARMANDO NARCISO
Clinica medica
Travessa Nova de S. Domingos, 9 (á Rua do Amparo)

Apontamentos para a historia

Como o dr. Antonio Granjo teve a primeira noticia do movimento

Na terça-feira, á tarde, Antonio Granjo, em conversa com os intimos da presidencia, declarara-lhes a sua fadiga e o seu desejo de repousar. Noites consecutivas, empregadas na resolução dos casos mais urgentes da vida publica, tinham-no prostrado. Assim, mal deram as 8 horas da noite, seguiu para a sua residencia, na intenção de só regressar ao Ministerio no dia seguinte; o seu automovel recolheu á *garage* e o *chauffeur* fo dispensado. Ficaram os secretarios. Havia expediente, muito papel a despachar, e esse trabalho absorveu-lhes umas boas três horas. Na presidencia do Ministerio, afora o pessoal menor, alguns *reporters* e esses amigos do malogrado chefe do governo, mais ninguem estava. No entanto, a essa hora, os boatos já corriam a cidade, preparando uma madrugada de incerteza e uma noite de tragedia.

Na antiga sala do Conselho do Estado, o relogio, um grande relogio de fábrica antiga, bateu as 11 horas. Pouco depois, apareceu, afogueado, exteriorizando a maior perturbação, um elemento liberal de pouca categoria, que desempenhava as funções de regedor em qualquer canto de Lisboa. Que tinha novidades a dar, grandes novidades — declarou. E os secretarios, num sorriso de duvida, interrogaram:

—Mas que é isso? Para que tanta aflição?

E o homem, ofegante, apopletico, pronunciando as palavras a custo: — A revolução rebenta de madrugada, lá para as seis horas.

Entreolharam-se os presentes. Ninguem acreditou. Um dos secretarios de Antonio Granjo insistiu, num tom de homem couraçado pela experiencia contra boatos e pavorosas: — Mas quem lhe garante que isso é assim? Os senhores acreditam em tudo...

O portador da noticia confirmou:—Eu estava no Cinema Condes. Tinha ido ver o animatografo. Depois, apareceu um sargento da marinha, um amigo... Ele disse: — és liberal, não te digo nada. Insisti porque me contasse o que sabia, neguei que fosse liberal, dei a minha palavra de honra em como guardava segredo... Soube tudo: a revolução é de madrugada, lá para as seis. Ao principio, não quiz acreditar, mas o sargento jurou pela saude dos filhos...

Evidentemente, havia alguma coisa de verdade no que o homem dizia. Correu ao telefone. Estabelecida a ligação, falou-se com o presidente. Ele não queria acreditar; respondeu bruscamente, lamentando perder mais uma noite devido a boatos sem fundamento. Por fim, resolveu-se a seguir para baixo. Mas não tinha carro. Que lhe mandassem um qualquer...

O sr. Ferreira da Rocha, ex-ministro das Colonias, dispensou o seu automovel. Pouco depois, Antonio Granjo chegava á presidencia, que, entretanto, recebera várias confirmações á primeira noticia. Levemente contrariado, ele apresentava, no entanto, a sua habitual bonhomia. Foi a um telefone e falou para um jornal da manhã. Queria saber o que se passava, mas era tudo muito vago, muito indeciso.

Tomou uma resolução. Freitas Soares, ministro da Guerra, estava na provincia. Pois bem, transformaria o seu ministerio no quartel general das fôrças fieis. E para lá seguiu, sereno, confiando em si e na sorte da Republica. Quando subiu a escadaria daquela Secretaria de Estado, soaram as doze badaladas da meia-noite. Tinha ainda vinte horas de vida...

O DIARIO DE LISBOA vende-se, na Figueira da Foz, na tabacaria Malafaya.

A CIDADE

Notas e impressões da Arcada

As dificuldades que o jornalista encontra para cumprir a sua missão

A cidade já hoje retomou o seu aspecto normal e tão normal que até esteve um lindo dia de sol, com as ruas cheias de gente, e o habitual movimento nos estabelecimentos e casas bancarias. A Arcada não oferece ainda nenhuma nota de interesse. Continúa a haver precauções militares. Alguns ministros estiveram logo de manhã na secretaria do interior.

Ha gente que desce, gente que sobe, gente que dá ordens e um continuo que tem ordem para não deixar entrar ninguem sem se fazer anunciar. E' claro que esta ordem, como sempre, só se entende com os jornalistas — que são as unicas pessoas a quem é proibida a entrada no ministerio do interior. Todas as outras pessoas entram sem se fazerem anunciar, porque têm sempre um amigo ou um conhecido afecto ao governo que lhes deita a mão pelo ombro e ..

—Como vai o meu querido amigo... pode entrar que a ordem não é para si...

O redactor do *Diario de Lisboa* que procurou informar-se junto das entidades que melhor o podiam esclarecer sobre a situação, não conseguiu entrar no ministerio do interior—onde a ordem não foi ainda completamente restabelecida.

—Não pode entrar... O sr. presidente está em conferencia com os oficiais da guarda republicana... O sr. dr. Jacinto Simões não o pode atender... Volte daqui a uma hora...

E o jornalista não passa da porta, onde ninguem lhe fornece um unico esclarecimento, uma unica informação, uma nota de duas linhas sobre a marcha da coisa publica.

A nossa opinião sobre o assunto, ainda que humilde, aí fica: o governo tinha, neste momento, toda a conveniencia em comunicar com os jornalistas, a fim de serenar a opinião publica—que já tem os nervos gastos por tanta comoção — e que precisa saber o que se passa, o que se diz, o que se vai fazer. Governar em segredo ainda não é a melhor maneira de governar.

Alguns oficiais afastaram agora mesmo o reposteiro e entraram; depois entraram civis, entrou mais gente e o jornalista ficou á porta.

—O sr. dr. Veiga Simões está?

—O sr. ministro das finanças já chegou?

—O sr. Carvalho Crato já saíu?

E vem mais gente e entram secretarios e sáem secretarios e o jornalista continua a esperar.

Passá agora o sr. Barreto da Cruz, chefe do protocolo da presidencia. E' desnecessario fazer qualquer pregunta, porque tambem deve estar impenetravel...

O novo chefe do distrito

Apareceu muito cedo na sua repartição

Antes das 11 horas, já se encontrava no seu gabinete o novo governador civil, que para ali se dirigiu a pé, tendo passado despercebido á porta do governo civil.

Tambem compareceram muito cedo nas suas repartições os srs. drs. Reis Junior, Paiva Lereno e Teixeira d'Azevedo, assim como os chefes Murtinheira, Alfredo Maria e Eduardo Tavares.

Durante as ultimas 24 horas, apenas se efectuaram 12 prisões e por pequenos delitos.

Por bem fazer...

E' preso um alferes por refugiar o sr. Teofilo Duarte

O agente da P. S. E. Santos Tavares prendeu na Brasileira do Rocio o alferes miliciano sr. Monteiro Filipe, sob a acusação de discordar do actual estado de coisas e de ter dado guarida em sua casa, a fim de lhe salvar a vida, ao ex-oficial do exercito sr. Teofilo Duarte, que bastante se distinguiu durante a situação sidonista.

A' VOLTA DO "D. AFONSO VI"

SOBRE UMA ENTREVISTA COM A VIUVA DE D. JOÃO DA CAMARA

O FILHO DO ILUSTRE DRAMATURGO ESCLARECE ALGUMAS DAS SUAS PALAVRAS

Precalços de uma revolução — Uma saída inesperada — O que se disse sobre Santos Tavares

Do brilhante jornalista sr. José Paulo da Camara recebeu o nosso camarada Norberto de Araujo a seguinte carta, a proposito da entrevista que realizou com a ilustre senhora que foi esposa de D. João da Camara:

Meu querido Norberto de Araujo

A sua enternecedora entrevista com minha mãe, sobre o «Afonso VI», que tanto nos sensibilizou, pelas expressões carinhosas com que o seu talento e o seu coração tão gentilmente a revestiram, precisa de uma ligeira rectificação, não ás suas palavras, mas ás minhas. Trata-se da frase atribuida ao ilustre escritor Santos Tavares, a quem eu, aproveitando o ensejo, manifesto a minha admiração e estima, já pelas suas qualidades de caracter e de inteligencia, já porque sei que era um amigo bom e leal de meu pai.

Devo dizer, antes de tudo, que tencionava dar esta explicação espontaneamente, se o «Diario de Lisboa» ma permitisse, no numero seguinte ao da entrevista, sem que Santos Tavares ma pedisse ou a provocasse. E, não ma tendo ele pedido, lamento, contudo, o poder-se supôr que só a torno publica depois da carta dele. Gosto tanto de ser leal, que fico aborrecido quando para isso perco uma ocasião.

A culpa foi da revolução, que rebentou na noite seguinte á publicação do artigo, obrigando-me a deixar em meio esta carta, para partir para fora de Lisboa, em serviço do «Diario de Noticias». E é de notar que o movimento rebentou ás sete e eu parti ás oito. Não tive tempo para coisa alguma, embora tivesse pensado neste caso.

Ora, se a culpa foi da revolução, nunca pode ter sido minha, porque você bem sabe que eu não fiz parte do «comité» revolucionario, não sou sequer partidario dos vencedores, nem mesmo dos vencidos, e até, aflito como ando sempre com 36 horas de trabalho em cada 48, nem ao menos sabia o que se tramava nos bastidores da politica.

Posto isto, que é longo mas que eu tinha que dizer, devo ainda acrescentar que, como talvez você ainda se recorde, na tarde em que tive o grande prazer de o apresentar a minha mãe, eu estava preocupadissimo com um trabalho muito urgente e que não me deixava perder um minuto, pelo que estive todo o tempo que você se demorou na Junqueira distraido e não dando toda a devida atenção ao que se ia passando.

Lembro-me que foi a proposito de um velho e unico sofá que existe em casa de minha mãe, que eu recordei a frase, atribuida por um jornalista a Santos Tavares, de que os fofos divans haviam tornado indolente o meu pai, que aliás toda a vida trabalhou como um mouro.

Mas não me esqueci tambem de que a minha observação a esse respeito era mais um pretexto para, fazendo a devida justiça ao seu brilhante talento e notavel competencia, afirmar com verdade que a poucas pessoas eu confiaria aquela entrevista com minha mãe, visto não ser rara a deturpação das palavras dos entrevistados, como aconteceu ao proprio Santos Tavares, que nobremente repeliu a autoria daquelas injustas palavras sobre meu pai.

Que eu não cheguei a dizer o que tencionava é mais do que certo, visto que você foi de uma fidelidade absoluta na reprodução de tudo o que se passou. Distrai-me? A conversa tomou outro rumo? Entrou nesse momento a minha mãe ou a minha irmã? Eis o que não há maneira de me recordar. O que é certo, e creio que quem me conheça não duvidará de tal, é que não foi minha intenção levantar uma reles calunia, e muito menos contra quem, por muitos motivos, não a merecia.

Nestas condições, peço-lhe o grande favor de fazer frizar bem dois pontos: 1.º — Que a minha mãe não se referiu a Santos Tavares, pois nem tinha conhecimento do que há anos se havia passado e que deu origem a esta minha longa carta, tendo sido eu apenas quem se referiu ao assunto; 2.º — que não era minha intenção, porque seria uma deshonestidade, deixar a história em meio, pois em casos melindrosos como este, por melhor entendedor que você seja, nunca podia bastar a meia palavra.

Veja você a que sensaborias nos sujeita uma revolução, mesmo quando não estamos metidos nela!

Muito grato a você e ao nosso excelente «Diario de Lisboa», que cada vez admiro mais, peço me creia como sempre, colega, muito amigo e grande admirador, *José Paulo da Camara.*

Fundeou hoje no Tejo um cruzador inglês

O Diario de Lisboa *noticiou ontem em primeira mão qus tinha fundeado em frente de Cascais um navio de guerra inglês, das forças navais de Gibraltar, que recebeu ordens de Londres para proteger os subditos ingleses e seus haveres, no caso de continuar o regime de alteração da ordem publica. Efectivamente, ás 6 e 45 de hoje entrou a barra o cruzador inglês* Calipso. *que fundeou em frente de Alcantara, encostado á outra margem, tendo salvado ao forte do Bom Sucesso, que lhe respondeu com 21 salvas. O sr. ministro da Inglaterra, em obediencia ás praxes, pediu autorização ao sr. ministro dos estrangeiros para permitir a entrada do cruzador inglês. O comandante do navio desembarcou, tendo apresentado os seus cumprimentos ás autoridades superiores da marinha. Em seguida, visitou a legação britanica.*

OS TEATROS

Atravez do reposteiro

O distinto actor Artur Duarte, que ha pouco regressou da «tournée» a Africa, enviou-nos um cartão de cumprimentos, que agradecemos.

—Luis Filgueiras está escrevendo musica para a opereta «Os Pierrots Vermelhos», original de Artur Horta e Raul Leal e aceita pela empresa Satanela-Amarante.

—Depois de terminada a exploração no Coliseu dos Recreios, a revista «Tic-Tac» subirá á scena no Porto, com um quadro e varios numeros novos.

—Vai ser entregue em um dos nossos primeiros teatros de declamação uma peça, baseada num estudo sociologico, original de Guilherme Pereira, Julio Rocha (falecido) e Angelo Santos.

—Segundo uma estatistica feita por um curioso desde 1910 os prejuizos sofridos nos teatros da capital, motivados por interrupção de espectaculos provocados por movimentos revolucionarios, ascedem a 280 contos.

Com a actual interrupção só ao Coliseu dos Recreios cabe uma falta de receita que se eleva a 24 contos.

—Aberto o precedente pela troupe Tomás Vieira e pelos artistas Carlos Santos e Beatriz Abla, que obtiveram viagens gratuitas em barcos dos T. M. E. são já varios os grupos que pedem transporte em iguais condições ás ilhas, ao Brasil e... até á America do Norte, onde haja grandes colonias de portugueses.

—E' positivo que o emprezario Luís Galhardo deixará, desde junho proximo de fazer explorações directas dos teatros em que suprentende, concedendo-os apenas a empresas devidamente constituidas comercial e financeiramente.

—Assinado pela ilustre actriz Lucinda do Carmo foi afixado no teatro Nacional um agradecimento a todos os artistas pela forma como, carinhosamente, foi recebida n'aquele teatro, apoz o desastre de que foi vitima.

Reclames

NACIONAL—Por motivos alheios á vontade da administração do Nacional, só na proxima semana se pode realizar a inauguração da temporada de inverno, que será levada a efeito com a «reprise» da bela peça historica «D. Afonso VI», que será representada em 1.ª recita de assinatura.

O interessantissimo original de D. João da Camara será exibido com o maior brilhantismo de desempenho e apresentação, não lhe faltando nem guarda-roupa, nem scenarios, expressamente feitos.

Para a primeira recita de «D. Afonso VI» estão á venda os bilhetes, sendo em numero avultadissimo os já vendidos.

SALÃO FOZ—A notavel companhiá Otelo de Carvalho não tem deixado de ensaiar nem de dia nem de noite a nova revista «Bichinha gata», a fim de evitar que a estreia da peça não vá além da data fixada para a sua apresentação no Salão Foz, inaugurando a epoca de inverno.

O animado original de Ernesto Rodrigues, João Bastos, Felix Bermudes e Lino Ferreira vai ser o «clou» dos espectaculos do genero, para o que lhe sobram elementos de atracção, no desempenho, nos scenarios e no guarda-roupa, que serão verdadeiramente deslumbrantes. A revista «Bichinha gata» será apresentada em sessões, que serão duas em cada noite.

AVENIDA—A empresa Satanela-Amarante fez afixar a seguinte tabela:

«E' com bastante pesar que a empresa se vê forçada a redigir esta tabela e afixa-la; porém, as circunstancias em que nos encontramos, devido aos ultimos acontecimentos, a isso a obrigam, bem contra a sua vontade.

Foi afixada em todos os teatros uma tabela igual á que está afixada ao lado desta, cuja nos foi enviada, a fim de suspender por completo todos os trabalhos e vencimentos.

Reconhecendo a empresa que o momento que atravessamos, devido a todas as crises, que a suspensão por completo de todos os vencimentos trazia graves dificuldades de vida a todos os seus contratados e demais pessoal, propõe suspender 50 % de todos os vencimentos, continuando a fazer os ensaios de dia até que o decreto da suspensão de garantias seja revogado.

Todos aqueles que não concordem com a tabela apresentada por esta empresa, devem declara-lo, a fim de ser mantida a tabela em vigor em todas as outras empresas.»

Um "comité" no Governo Civil

Há funcionarios republicanos que querem acabar com imoralidades

No governo civil constituiu-se hoje um «comité» de funcionarios republicanos, com o objectivo de conseguir do sr. presidente do Ministerio e do novo chefe do distrito a normalização dos serviços das secretarias policiais. Pretende ainda esse «comité» obrigar todos os empregados a comparecer ao serviço e terminar com a situação de favor de que gosa o sr. Francisco Mendes Esmeraldo, que, sendo cartorario há onze anos, nunca prestou serviços, recebendo, no entanto, os ordenados.

S. I. C.

Os melhores chocolates, cacaus, bonbons e drops

Pedir sempre os chocolates

S. I. C.

PROVINCIAS

Em Monsão

Casamento elegante

Monsão, 19

Pelo sr. dr. Artur Ribeiro de Araujo Faria, conservador do registo predial, foi no ultimo domingo pedida em casamento, para seu cunhado sr. dr. Luís Filipe Pinto Rodrigues, advogado nesta comarca, a sr.ª D. Maria José Malheiro de Tavora Abreu e Lima, filha dos viscondes da Carreira, da familia do ilustre diplomata e artista que foi o conde da Carreira, de Viana do Castelo.

Em Vila Real

Diversas noticias

Vila Real, 20

Foi nomeado medico da Cruz Branca o sr. dr. Antonio Feliciano Fernandes.

—Vão ser postas em arrematação as contribuições municipais de Vila Real.

—A camara municipal resolveu suspender a cobrauça do imposto «ad valorem».

—A União Artistica Vilarealense concedeu o diploma de socio benemerito ao seu novo medico sr. dr. Henrique Botelho, e aos srs. Bernardino Botelho e Manuel Sousa Morais. Estes senhores ofereceram, respectivamente, 100$00 e 150$00 á Caixa de Socorres Brouillard.

—A' ultima hora chegam-nos boatos de alteração da ordem publica em Lisboa, e da formação dum novo ministerio.

Em Campo Maior

Trovoadas e chuvas abundantes

Campo Maior, 18.

Pediu a exoneração de administrador deste concelho o sr. Bruno Evangelista, sendo nomeado em sua substituição o sr. Diogo Mexia Caiola, que já tomou posse do cargo.

—Faleceu o sr. Manuel Sabino Palmeiro Serra, tenente-coronel de reserva, e importante proprietario deste concelho. deixando viuva a sr.ª D. Maria Vitorino Pais Serra.

—Continuam pairando sobre esta vila fortes trovoadas acompanhadas de abundantes chuveiros o que está prejudicando os trabalhos agricolas.

—Seguiram para Lisboa a receber tratamento anti-rabico os menores Castro Tonengil e Maria Mendes, que foram mordidas por um gato que se suspeita atacado de hidrofobia.

—Ha cerca de seis meses que não ha postais á veuda nesta vila. Pedem-se providencias urgentes a quem competir.

—José Nascimento Chancarino, de 32 anos, solteiro, jornaleiro, ateutou contra o pudor de Isabel Pêpê, de 21 anos. domestica, para o que se introduziu em sua casa, escalando o muro de um quintal. Aos gritos de socorro, compareceu a guarda, que deteve o sadico, enviando participação para juizo.

Em Coimbra

Os acontecimentos de Lisboa

Coimbra, 21

Causaram uma profunda emoção em Coimbra os graves e tristes acontecimentos de Lisboa, que originaram a morte de vultos eminentes da Republica, O governador civil abandonou esta manhã o logar, entregando o governo da cidade ao comandante da 5.ª divisão do exercito. general sr. Simas Machado.

As forças da G. N. R. têm feito um aturado serviço de vigilancia no edificio do Governo Civil.

Os administradores de concelho começaram já a pedir a sua demissão.

—Deram entrada na cadeia os academicos que tomaram parte nos motins a que já nos referimos e que agrediram dois populares e três policias. Devem ser hoje afiançados, sendo a fiança de 20:000 escudos.

—As materias em que vão ser interrogados os srs. drs. Beleza dos Santos e Manuel Rodrigues Junior, nos concursos para professores da Faculdade de Direito de Coimbra, são as seguintes: Para o primeiro, economia politica, direito politico; 1.ª cadeira de direito civil, processos ordinarios, e para o segundo, economia politica, direito administrativo, 2.ª cadeira de direito civil e direito internacional privado.

—Os gatunos assaltaram e roubaram a escola de Cernache, donde levaram livros e varios utensilios.

—Inesperadamente, tomou hoje, pelas 18 horas, posse de governador civil deste distrito o tenente sr. Abel de Almeida, director da sucursal da Manutenção Militar nesta cidade.

TODOS
os fumadores encontram as suas marcas predilectas na
Tabacaria Serras
"SPORT"

"Foot-ball"

Taça Associação

No campo das Laranjeiras, efectua-se ámanhã a segunda eliminatoria da Taça Associação, entre os «teams» do Casa Pia, campeão de Lisboa e o Club Internacioaal.

«Sporting» contra «Imperio»

E' este desafio que está despertando muito interesse, pois do «team» Imperio fazem parte alguns jogadores que a epoca passada envergaram a camisola do «Sporting».

O primeiro desafio é âs 13, juiz Artur José Pereira; o segundo ás 15, juiz Rogerio Peres.

GARANTIA
Companhia de Seguros
Fundada em 1853 — Sede no PORTO
(Edificio proprio)
Sinistros pagos até 31 de Maio de 1921
Esc. 7.973.798$76,3
Capital — MIL CONTOS
(Inteiramente realizado)
EFECTUA SEGUROS:
Terrestres,
Agricolas,
Industriais,
de automoveis,
Trespasses,
Maritimos e minas
— Seguros de vida —
AGENTES:
José Henriques Totta, Ld.ª
Banqueiros
Lisboa — Telef. 533 e 1589-C

TRATAMENTO DA TUBERCULOSE
Do Prof. WILSENGOLD
BRUXELLAS
LITHANE
DEPOSITARIOS
ALVARO CAMPOS, LIMITADA
103 Rua Garrett 1.º

Grande Café de Italia
DÉJEUNERS
A PRIX FIXE ET A' LA CARTE
Esmerado serviço de chá,
:-: chocolate e torradas :-:
Rua 1.º de Dezembro

ELECTRICIDADE--MAQUINAS
Instalações e reparações—Peçam orçamentos gratis: A Electro-Quimica Lt.ª R. Douradores, 29, 3.º Lisboa.

ELECTRICIDADE PORTATIL
Luzes de bolso!!!
Lampadas de algibeira, bastões, tarches, lanternas para trazer na mão, pilhas, baterias.
EFEITO SURPREENDENTE!
Descontos aos revendedores
Remete-se para a provincia
CASA TRIUNFO
R. Augusta, 72, 74
LISBOA

Fonsecas, Santos & Vianna
BANQUEIROS
ESTABELECIDOS EM 1861
Rua do Comercio, 116 a 132
Telegramas: SANVISE-LISBOA

JOALHARIA, RELOJOARIA E OURIVESARIA
— DE —
JULIO REI, L.DA
ex-empregado da JOALHARIA ABREU
Grande sortimento em joalharia, relojoaria e pratas por preços sem competencia
30, Praça dos Restauradores, 31
(Palacio Foz)
Antiga Relojoaria Oliveira

Pinto & Sotto Mayor
BANQUEIROS
LISBOA — Rua do Ouro, 18, 24
PORTO — Praca da Liberdade, 28, 29
REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO
BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL
Operações financeiras—Fundos publicos nacionaes e estrangeiros

INSTALAÇÕES
E REPARAÇÕES
DE CAMPAINHAS, TELEFONES, LUZ ELECTRICA, PÁRA-RAIOS
Casa PALISSY GALVANI
RUA SERPA PINTO, 89 E 91
LISBOA
Telefone, 641

Neves & Cruz
Importadores e Exportadores directos
SÉDE
Rua Ivens, 53
CONSERVAS E VINHOS
Filial em Anvers
RUE DES FORTIFICATIONS, 69, 1.º
Agentes no Congo Belga, Loanda e Benguela
(Produtos africanistas)

DINHEIRO
Empresta-se sobre tudo que ofereça garantia, seja qual fôr o seu valor, juro convencional, muita seriedade, sigilo e rapidez nas transacções. Vendem-se joias, ouro, pratas em segunda mão e pianos dos melhores autores
n'A COMERCIAL
18, TRAVESSA DA TRINDADE, 22 (AO CHIADO)
TELEFONE C. 3:992

Todas as questões de advocacia e procuradoria se tratam no
ESCRIPTORIO FORENSE
R. do Carmo, 35, 2.º
N.º TELEFONICO: 4:233 — C

NO ESTRANGEIRO

O QUE DISSERAM

Dois banqueiros americanos

que visitaram a Europa sobre a sua situação economica e financeira

WASHINGTON, 21.

Dois banqueiros americanos, srs. Mitchell e Speyer, que acabam de regressar a New York,, procedentes da Europa, a bordo do «Olympic», expuzeram os seus pontos de vista sobre a fazenda e o comercio internacionaes.

O sr. Mitchell, presidente do «National City Bank», declarou que para a restauração do comercio internacional é necessário aplicar três remedios fundamentaes: em primeiro lugar, crear uma nova Sociedade das Nações, cuja missão seria limitar as despezas militares e abrir as fronteiras comerciaes; em segundo lugar, o reajustamento das dividas entre as nações, empregando um plano prático e positivo de pagamento e um estrito reforço das economias em todos os paizes, para nivelar os impostos. Por fim, o terceiro remedio preconizado pelo sr. Mitchell, é a supressão ou pelo menos, a atenuante das barreiras protectoras. Acrescentou que sem o auxilio e a direcção americanas, a situação continuará sendo completamente embrulhada.

Por seu lado, o sr. James Speyer declarou que, segundo o seu parecer, as questões mais importantes que a America deve pôr em prática são a estabilização dos cambios, especialmente do marco, e da cobrança das importancias que os outros paizes devem aos Estados Unidos.

A grande guerra de Marrocos

A desagregação do inimigo parece inevitavel

MELILLA, 21.

Por noticias colhidas no próprio campo, sabe-se que a «karka» inimiga luta com grandes divergencias dos chefes, sendo quási fatal a sua desagregação.

Confirma-se a noticia de que as tropas de Adb-el-Krin passaram por Gomara, tentando aproximar-se de Xauen, mas há absoluta segurança nas nossas posições vizinhas.

Um grupo de forças espanholas destacadas do Cabo de Agua, efectuou um «raid» sobre o Zoco Yabala, situado junto ao rio Muluya, acompanhando as tropas espanholas 26 chefes mouros, recentemente submetidos á Espanha. A população destes povoados apresentou-se reiterando a sua submissão á Espanha.—(R.)

Mais uma vitoria espanhola

MELILLA, 22.

Numerosos grupos inimigos se tinham concentrado na encosta do monte Amertiat, que tiveram de fugir ante o fogo constante das posições espanholas de Sebt. Ficaram 4 mouros em poder das tropas espanholas, bem como importante numero de armas e munições.—(R.)

Está iminente a tomada do Monte Arruit

MELILLA, 22.

Está iminente a tomada do monte Arruit, onde sucumbiu o general Navarro com os seus valentes. As tropas espanholas encontram-se já nas imediações desta fortaleza e espera-se que possam ámanhã, domingo, hastear a bandeira espanhola nos cimos do monte Arruit.—(R.)

A questão de Chantung

Uma nova nota enviada á China pelo governo japonês

TOKIO, 22.

O governo japonez enviou á China uma nota relativa á questão de Chantung. Assevera-se, por outro lado, que a mediação dos Estados Unidos, de que tanto se falou nos ultimos dias, parece muito pouco provável.

TRÊS DISCURSOS

Clemenceau, Briand e Barthou

PRONUNCIAM VIBRANTES ALOCUÇÕES DE HOMENAGEM Á HEROICA FRANÇA

No dia 2 de Outubro, Clemenceau, ao inaugurar a propria estatua, pronunciou um discurso no qual passou a alma vibrante da França nos dias febris em que a vitoria era incerta, e nos dias entusiasticos do armisticio e do Tratado de Paz. No dia 9, Briand, em S. Nazaire, num discurso energico e preciso, passou em revista o periodo que desde então se desenrolou, marcado pelas fases da sua politica.

No dia 16 de Outubro, Barthou, num discurso pronunciado em Metz, na inauguração da estatua de Deroulède, fecha este ciclo da historia da França e do mundo, evocando a vida da sua patria desde o dia em que foi derrotada, até ao dia em que, consumada a vitoria—desforra que ela não provocou, mas esperou pacientemente durante quarenta anos—a França entra numa nova fase.

A alma da evocação desse periodo é o proprio Déroulède, o homem que tomou parte na guerra de 1870 e nunca pôde calar a vibração de revolta que no longo periodo decorrido desde então até á sua morte, na vespera da guerra da vitoria, alimentou constantemente a alma nacional com as rajadas de amor patrio que eram as suas canções, os seus dramas, os seus discursos e toda a sua vida.

Barthou chamou-lhe o «Cavaleiro da Patria». E esse era com efeito o nome que Deroulède mais estimaria que lhe dessem. Não tinha pensado em toda a sua vida senão na libertação dessa terra santa que era para ele a Alsacia e a Lorena. Para ela se havia tomado um «cruzado».

Nos seus discursos, a voz soava como um clarim, e as palavras sucediam-se em torrente, impetuosas e ardentes como o sentimento que as ditava. Ele gritava: «Ah! o povo de França! Não ha povo mais heroico, mais paciente, mais capaz de suportar as mais longas e as mais crueis dôres, para o que crê serviço da sua Patria! que união então na defesa nacional!

Como se irmanam o rico e o pobre, o humilde e o poderoso, o fraco e o forte!» Parecia que Deroulède entrevia além do tempo, e assistia á heroicidade do povo da França e dos *poilus* nas trincheiras.

A sua voz ouviu-se pela ultima vez no aniversario de Champagne, em 1913. Estava doente; levaram-no, que ele já não podia andar. Tinha um ar estranho, uma figura tragica, um olhar cheio das visões do futuro. A sua voz era um soluço, um estertor, mas um soluço que acabava bradando ainda pela França, antevendo, tendo talvês a certeza de que a ressurreição ia principiar nesse mesmo ano de 1914 em que, logo no começo, a sua voz se extinguiu para sempre.

Na inauguração da estatua desse homem, encarnação da França derrotada, da França sofredora e da França victoriosa, porque foi soldado de 1870, porque sofreu a derrota e porque sempre teve a certeza da victoria de algum dia, Barthou não podia deixar de falar nos problemas pendentes ainda com a Alemanha que reclama hoje a Alta Silesia, indivisivel, em nome do direito. Quando no seculo XVII a Alemanha invadiu violentamente essa região, quando em 1871 se apoderava da Alsacia e da Lorena, que fazia ela do direito e da vontade das populações?

«E' preciso que seja o maior ignorante, ou o maior cego, aquele que puder acreditar que tudo acabará na resignação leal do povo vencido á sua derrota. Conheço a esse respeito ilusões que julgo melhor calar para não denunciar cumplicidades.»

E' por causa deste futuro que a França precisa duma força capaz de a proteger. Pediram-lhe que renunciasse á fronteira militar do Rheno e ofereceram-lhe em troca uma aliança positiva com duas das nações que foram suas aliadas. Maş a aliança, *oferecida, prometida e escrita*, ficou em nada e por ela ficou igualmente em nada a fronteira do Rheno, guarda nacional. A França ficou sem a garantia da aliança e sem a garantia do territorio.

Terá de contar com as suas forças.

E' preciso, porém, que, contando com as suas forças, não encete uma politica de orgulho e de isolamento.

A reconstrução da frota alemã

A "Norddeutches Lloyd" trabalha activamente

BERLIM, 22.

A reconstrução da frota mercante do importante «Norddeutsches Lloyd» já adquiriu até ao presente uma décima parte da sua antiga tonelagem. Vem perfazer este numero o vapor «Hindemburg», que está concluido no estaleiro de Dantzig e conta 30:000 toneladas.

Uma vila do ex-kaiser

propriedade do estado italiano

O movimento anti-polaco na Russia

Em Moscou foi assassinado um representante da Polonia

BERLIM, 21.

Noticias enviadas de Moscow para a Suecia, afirmam que aumenta o movimento contra a Polónia, cujo representante em Moscow foi maltratado. Informam tambem que o secretário da missão polaca encarregada de repatriar os fugitivos polacos, foi assassinado em Moscow.—(R.)

NOS ESTADOS-UNIDOS

A' ameaça de uma greve

O GOVERNO BELGA

Considera-se quasi impossivel

realisadas as eleições constituir um gabinete de concentração

BRUXELAS, 22.

Os quatro ministros demissionários não serão substituidos, mas os seus lugares serão provisóriamente desempenhados por outros ministros até ás próximas eleições, que se realizarão em 20 de Novembro, quando será possivel a demissão colectiva do gabinete actual.

Julga-se muito pouco possivel que depois se consiga formar um gabinete em que estejam representados os três partidos, católico, liberal e socialista. Este ultimo parece disposto a fazer obstrução.

A balança economica alemã

O seu desiquilibrio é cada vez maior

BERLIM, 22.

As estatisticas de comercio alemão mostram um maior desiquilibrio na balança económica alemã, no mez de Julho. As importações aumentaram de 0,9 de bilião de marcos para 4 biliões sobre o mez anterior. As exportações, embora não tivessem uma alteração notavel, ressentiram-se comtudo, extraordináriamente, da enorme depressão da moeda.

As despezas da guerra

absorveram o ouro colhido durante um seculo

BERLIM, 22.

A imprensa americana reproduz uma estatistica do sr. Bogart, em que mostra que as despezas da guerra em todas as nações excederam 208 biliões de «dollars», portanto mais de 800 biliões de marcos-ouro, ou seja tanto como o ouro obtido em todo o mundo, há um seculo. A imprensa americana acha estes dados inferiores.

EDEN TEATRO

Empreza Henrique Barreiros Ld.ª
Companhia Nascimento Fernandes

Terça-feira, 25

Primeiras representações
da fantasia-revista

PAU DE DOIS BICOS

que hoje devia subir á scena e que foi adiada em vista dos ultimos acontecimentos.

Continua a marcação de bilhetes

Gama

...EDADE DE BILHETES, FRACÇÕES e CAUTELAS
para todas as
...TERIAS
...ornece para revender
...ÇOS CORRENTES
...o mais $15 para ...isto
— CENTRAL
Pedidos a
...VA GAMA
...mparo, 51—LISBOA

O bombardeamento do Funchal

O ministro da marinha francesa visita o tumulo das vitimas do torpedeamento da canhoneira "Surprise"

FUNCHAL, 18.

Fundeou ontem, neste porto, procedente de Dakar, o cruzador da marinha de guerra franceza «Queidon».

Pouco depois, houve os cumprimentos de estilo, e ás 14 horas, mr. Albert Sarrault, acompanhado pelo comandante do «Queidon» e da sua comitiva, desembarcou no caes desta cidade, onde lhe foram prestadas honras por uma força de infantaria 27, tocando por essa ocasião a banda de infantaria a «Marselheza», e a pedido de mr. Albert Sarrault, foi executada em seguida a «Portugueza».

Após as visitas ás autoridades superiores, dirigiu-se ao cemiterio das Angustias, acompanhado da sua comitiva, governador civil, comandante miliiar e muito povo, sendo-lhe novamente ali prestadas honras militares por uma força de infantaria e outra da guarda republicana.

Em frente do tumulo, achava-se formada em continencia uma força de bordo do «Queidon», tendo mr. Albert Sarrault, colocado junto do tumulo dos bravos marinheiros francezes, vitimas do torpedeamento, na manhã do dia 3 de Dezembro de 1916, uma corôa com a dedicatória: «Le ministre des colonies Albert Sarrault—aux marins de la «Surprise». Proferiu nesta ocasião um breve discurso, onde citou a amizade que existe entre o seu paiz e o nosso, e salientando com calor o carinho do povo da Madeira, para com os marinheiros francezes mortos, no porto do Funchal. Disse que eles se encontravam ali como se estivessem no sólo da pátria, terminando com uma saudação ao sr. governador civil, e á nobre e imortal nação portugueza.

Uzaram da palavra, ainda, os srs. governador civil, comandante militar e vice-presidente da Camara Municipal.

Em seguida, o sr. ministro francez visitou a capela do cemiterio, onde se encontravam sobre uma eça, cobertos com a bandeira franceza, os restos de seis marinheiros francezes que foram exumados, a fim de seguirem para França, em principios de Novembro!

Além de outras corôas oferecidas, encontrava-se uma com a dedicatória: «Homenagem do governo portuguez—Funchal, 17 de Outubro de 1921».

De bordo do «Queidon» desembarcou um operador de cinema, que «filmou» a cerimónia da colocação das corôas em homenagem aos marinheiros francezes.

O «Queidon» deixou hoje o Funchal, com destino a Brest.

No forte do Bom Sucesso

Uma granada que explode mata um soldado e fere gravemente dois

Esta madrugada, no forte do Bom Sucesso, quando se procedia ao carregamento de uma peça para salvar, como é da praxe, á entrada na barra do cruzador inglês «Calipso», rebentou uma granada, que feriu gravemente no rosto e mãos os soldados da 1.ª bataria de artilharia da costa n.º 165, João Baptista, e n.º 909, Joaquim Romão. Morreu outro soldado, cuja identidade se desconhece. Tanto os feridos, que foram pensados [illegible] posto da Cruz Vermelha da Junqueira, como o morto foram conduzidos ao [illegible]ital da Estrela.

ULTIMAS NOTICIAS

O MINISTERIO REVOLUCIONARIO

O sr. Carvalho Crato não aceita a pasta das Colonias

Parece que o sr. Carvalho Crato não quere aceitar a pasta das Colonias. No entanto, varios elementos preponderantes dirigiram-se hoje, de tarde, para bordo do barco de guerra que está comandando, a fim de o demover do seu proposito.

O sr. Lacerda de Almeida aceita a pasta da Instrução

O sr. Lacerda de Almeida aceitou o convite que lhe foi feito para ministro da Instrução.

***

E' provavel que o Conselho de Ministros reuna ainda hoje.

***

O sr. ministro das Finanças conferenciou hoje com o seu colega dos Estrangeiros e foi cumprimentado pelos funcionarios da Direcção Geral das Contribuições e Impostos e da Alfandega de Lisboa.

***

Um dos ajudantes do sr. ministro da Guerra é seu irmão, o tenente de artilharia sr. Fernando Cortez dos Santos.

O atentado contra o sr. Alfredo da Silva

O conhecido industrial encontra-se em estado satisfatorio

Pessoa que nos merece toda a confiança garantiu-nos que o estado do sr. Alfredo da Silva é satisfatorio, encontrando-se livre de perigo. O nosso informador chegou hoje a Lisboa e é um dos amigos do conhecido industrial que com ele seguiam no comboio.

O republicanismo da policia de investigação

E' grande o descontentamento da corporação porque se pretende demitir os melhores agentes

Entre o pessoal da policia de investigação criminal continua a lavrar o maior descontentamento, provocado pelo facto de determinados elementos revolucionarios pretenderem o afastamento de agentes, que, pela corporação, são considerados dos melhores, tendo prestado, em variadissimas conjunturas, relevantes serviços de investigação. Hoje constou insistentemente no governo civil que o conhecido agente sr. Alfredo Maria, cujo republicanismo é bem notorio, ia pedir a demissão de chefe da 3.ª secção da policia de investigação. Leva-o a essa atitude o seu desgosto perante o que se passa naquela corporação policial, Alfredo Maria, que durante o dezembrismo foi várias [illegible] preso, ia sendo morto por ocasião [illegible]mente celebr[illegible] da Morte.

Notas sobre o movimento

Boato infundamentado—O «comité» vai ouvir os «leaders» das duas Camaras—A representação portuguesa em Washington—A posse do ministro da agricultura—Uma aclaração

O comité revolucionario vai convidar os «leaders» das duas camaras para uma conferencia na qual se firmará o modo de executar o programa do governo, evitando a dissolução do Parlamento. Será votado simplesmente o adiamento necessario para se executar esse programa.

***

Parece que o sr. dr. Bernardino Machado aceitará a representação de Portugal na conferencia de Washington.

***

Sempre é certo chegar na proxima segunda feira a Lisboa o sr. dr. Antão de Carvalho, que tomará imediatamente posse da pasta da Agricultura.

***

Os srs. dr. Alfredo Guisado e João Pedro dos Santos, convidados para os cargos de chefe do gabinete e secretario do sr. ministro do interior declinaram os convites.

***

Dizem-nos que não tem fundamento o boato de que o governo iria chamar a Lisboa os altos comissarios das nossas duas provincias ultramarinas. Nesta ocasião em que Angola e Moçambique estão a entrar num caminho de fomento e prosperidade, graças á acção do regime de altos comissariados, seria um verdadeiro perigo s aua saída.

***

Não é verdade, conforme noticia um jornal da manhã, que o segundo tenente do Secretariado Naval sr. Alberto de Morais Carvalho e os sargentos ajudantes srs. Baptista, Albano Barata e Francisco Santos tenham comandado a fôrça de marinha que esteve no Arsenal na noite de 19 para 20 de outubro. Estiveram ali apenas do dia 20 para o dia 21, a fim de substituirem os seus camaradas, segundo ordens que receberam do comandante do Corpo de Marinheiros, não se tendo produzido nessa noite qualquer facto anormal.

Um camião que se incendeia

O "chauffeur,, e um soldado feridos

Durante a madrugada de hoje, em frente do palacio de Belem, incendiou-se um camião da G. N. R. que andava patrulhando a cidade. Sofreram queimaduras o *chauffeur* João Pinheiro Nobre e o soldado Manuel Pereira, que foram curar-se ao posto da Cruz Vermelha da Junqueira.

MALAS POSTAIS

São ámanhã expedidas malas postais pelo «Usaramo», para a Africa Ocidental; pelo «Alban», para o Pará, Manaus, Maranhão e Ceará, e pelo «Deseado», para o Rio de Janeiro, Santos, Monte[illegible] e Buenos Aires, sendo [illegible] timo tira[illegible]

O NOVO GOVERNO

A nomeação dos ministros da marinha e colonias

A segunda serie do *Diario do Governo* de hoje publicou o seguinte decreto:

Usando da faculdade que me confere o n.º 1.º do artigo 47.º da Constituição Politica da Republica Portuguesa: hei por bem exonerar os cidadãos Vitor José de Deus Macedo Pinto e Carlos Henrique da Silva Maia Pinto, ministros da marinha e colonias, e nomear para os mesmos cargos, respectivamente, os cidadãos Francisco Luís Ramos e José Eduardo de Carvalho Crato.—Paços do governo da Republica, 21 de outubro de 1921.—*Antonio José de Almeida.*

As investigações policiais sobre os ultimos atentados

O sr. ministro do Interior determinou que a policia de investigação proceda ás diligencias necessarias para a descoberta dos autores dos atentados pessoais, pedindo tambem a toda as pessoas que os presencearam que compareçam no governo civil, a fim de fazerem os seus depoimentos.

Uma batida politico-policial

Os agentes da P. S. E. procuram os agitadores

Por ordem do sr. dr. Reis Junior, que está exercendo interinamente o logar de director da P. S. E., três brigadas, compostas de agentes daquela policia, percorreram, desde as sete horas da manhã, os bairros Camões, Baixa e Vale de Santo Antonio, com o fim de prenderem certos individuos, que naquela policia dizem ser conhecidos como agitadores.

Acudam aos poveiros!

Milhares de pescadores ameaçados de viver na miseria

Organizou-se ultimamente na Povoa de Varzim uma comissão encarregada de defender os interesses dos poveiros repatriados há um ano do Brasil. A situação desses honrados pescadores não pode ser mais angustiosa, votados como foram ao mais completo abandono por parte dos poderes publicos. Pensa a referida comissão empregá-los na pesca do bacalhau, necessitando para isso do auxilio do Estado. Trata-se de um credito de 4.000 contos, aproximadamente, aberto a favor das cooperativas de pescadores poveiros, credito que reverteria em beneficio para o proprio Estado.

DIA RELIGIOSO

[illegible]HÃ, 23:
[illegible] de 23.º domingo, depois do Pentecostes, paramentos verdes, 2.ª oração «ad Cun[illegible]ção «ad lib», credo e prefacio á Santis[illegible]de.
[illegible]ene» na igreja paroquial da Encarnação.
[illegible]ades:
[illegible] horas, côro; ás 12, missa e vesperas.
[illegible], ás 8,30 horas, missa.
[illegible]ão, ás 12 horas, festa ao Corpo de Deus, solene por instrumental, orando o rev. Farinha; as 18.30, «Te-Deum» por instru[illegible]
[illegible]io, em Almada, ás 12,30 horas, festa á Se[illegible] Rosario, por musica, orando o rev. Pi[illegible]rques; ás 17. sermão pelo rev. Firmino Sil[illegible]ha e «Te-Deum» por musica.
[illegible]S DE ÁMANHÃ, 24:
[illegible] feria, «simplêx», paramentos verdes, missa como ontem.
[illegible]rene» na igreja do Socorro, pela devoção [illegible]de da Figueira.
[illegible]dades:
[illegible] 11 horas, côro; ás 12, missa e vesperas.
[illegible]que, ás 8,30, missa.
[illegible]o, ás 11,30, missa da exposição do sagrado [illegible]ene», por musica; ás 17,30 horas, terço de [illegible], por musica.
[illegible]mação, ás 11,30 horas, festa ao Arcanjo S. [illegible] com missa solene, por musica.
[illegible]são, ás 19 horas, novena á Senhora do Ro[illegible] musica, com exposição do Santissimo.
[illegible] Rosario nas igrejas do costume.
[illegible] ás 12 horas, festa ao Coração de Jesus, [illegible]rando o rev. Governo; ás 19, sermão [illegible]onio de Almeida, e «Te-Deum», por